



**Janderson Bax Carneiro**

**“Vou subir o morro para ver quem vem na umbanda”:  
Zé Pelintra e as ressignificações do malandro na prática  
religiosa umbandista**

**Dissertação de Mestrado.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais, do Departamento de  
Ciências Sociais da PUC- Rio.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Sonia Maria Giacomini

Rio de Janeiro  
Setembro de 2012



**Janderson Bax Carneiro**

**“Vou subir o morro para ver quem vem na umbanda”:  
Zé Pelintra e as ressignificações do malandro na prática  
religiosa umbandista**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio.  
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo  
assinada.

**Profa. Sonia Maria Giacomini**

Orientadora

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Profa. Patricia Birman**

UERJ

**Prof. Roberto Augusto DaMatta**

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Prof.<sup>a</sup> Mônica Herz**

Coordenadora Setorial do Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 2012

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Janderson Bax Carneiro

Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos (2002) , especialização em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes (2004) e mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012) . Atualmente é Professor da Prefeitura Municipal de Armação de Búzios, Professor da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras.Tem interesse na área de Antropologia , com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras. Atua principalmente nos seguintes temas: Antropologia da religião, Rituais, Candomblé e Umbanda.

### Ficha Catalográfica

Carneiro, Janderson Bax

“Vou subir o morro para ver quem vem na umbanda” : Zé Pelintra e as ressignificações do malandro na prática religiosa umbandista / Janderson Bax Carneiro ; orientadora: Sonia Maria Giacomini. – 2012.

164 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2012.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Umbanda. 3. Zé Pelintra. 4. Malandro. 5. Prática religiosa. I. Giacomini, Sônia Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

Para meus pais, Joel e Madalena, por todo apoio.

## Agradecimentos

Foi na Puc-Rio que encontrei o ambiente institucional adequado ao desenvolvimento sistemático de reflexões há muito acalentadas, por assim dizer, em estado bruto. Por isso, agradeço à instituição como um todo pela acolhida, bem como pelos recursos humanos e materiais disponibilizados para o meu crescimento profissional e pessoal.

Gostaria de dirigir um agradecimento especial ao Departamento de Ciências Sociais, especialmente aos responsáveis pela manutenção dos cursos de pós-graduação, hoje sob a coordenação da professora Maria Alice Rezende de Carvalho. Nesse departamento, pude contar com a presença sempre solícita da secretária Ana Roxo, a quem agradeço pelos muitos esclarecimentos acerca do funcionamento geral da instituição.

À professora Sonia Maria Giacomini, orientadora desta dissertação, agradeço pela constante instigação à reflexão acerca do meu objeto de análise, cuidadosamente observado em suas potencialidades e limitações. Agradeço também, é claro, por sua inconfundível paciência, generosidade e bom humor diante de minhas muitas dúvidas e inquietações.

Mais do que créditos necessários ao cumprimento de obrigações acadêmicas, as disciplinas cursadas durante o mestrado significaram a possibilidade de notável ampliação das minhas perspectivas de análise, a partir do contato com professores de inquestionável competência técnica e notável receptividade. Assim, agradeço aos professores: Ângela Maria Randolpho Paiva, Eduardo de Vasconcelos Raposo, Luiz Jorge Werneck Vianna, Maria Celina Soares D' Araújo, Maria Sarah da Silva Telles, Roberto Augusto DaMatta, Santuza Cambraia Naves (*in memoriam*) e Valter Sinder.

Aos professores Roberto Augusto DaMatta (PUC-Rio) e Patrícia Birman (UERJ), dirijo um agradecimento especial, por todas as observações cuidadosamente apresentadas durante o exame de qualificação, bem como pelo aceite do convite para a participação na banca de defesa da dissertação.

Além de todas as experiências acadêmicas, a PUC- Rio proporcionou a troca de ideias e o estabelecimento de vigorosos laços afetivos com pessoas mais do que especiais! Agradeço a todos que partilharam dos momentos de reflexão, trabalho e muita alegria, especialmente Alberto Junqueira, Flávia Campos, Guilherme Gonçalves, Gustavo Guimarães e Renata Saavedra. Faço um agradecimento ainda àqueles com os quais o convívio ultrapassou, sob inúmeros aspectos, os limites da convivência acadêmica. Aqui deixo o meu “muito obrigado!” à Ana Letícia Canegal, Clara Lugão e Victor Moretto, por todo o suporte emocional e companhia nos mais variados momentos vivenciados nos últimos dois anos.

Impossível pensar em gratidão sem mencionar um dos meus maiores tesouros: a família! Agradeço a meus pais, Joel Vaz Carneiro e Madalena Bax Carneiro, pelo incomensurável amor e crença incondicional no meu sucesso. À minha irmã Joelma Bax Carneiro, agradeço pela indescritível cumplicidade e total apoio às

minhas ideias. Ao meu sobrinho Jayson Schultz e sua esposa Tatiane Takemura, agradeço pelo maior presente dos últimos meses: o sorriso restaurador do pequeno Nicolas!

Agradeço, ainda, a meus tios e padrinhos Cláudio Freire Silva e Marilza Bax Freire Silva, pelo apoio de sempre.

Muitos foram os amigos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho. Dentre eles, agradeço a Carlos Eduardo Dias Souza (Kadu), por todo o incentivo e suporte técnico diante dos meus rolos com a informática; Luiz Guilherme S. Moreira, pelo apoio para que eu retomasse minhas atividades acadêmicas e pela leitura atenta do anteprojeto; Rafael Lázaro, com quem compartilhei inúmeras ideias em conversas intermináveis; Elaine Gonçalves e Caroline Gonçalves, sempre solícitas diante das minhas buscas por registros de imagens do universo afro-brasileiro. Agradeço ainda a Sérgio Celestino, Ana Paula Celestino, Carlos Alberto Nascimento, Tatiane da Costa Nascimento, Rafael Setubal, Renata Braga, Adriana Filardis e Angélica Filardis, por todos os sorrisos proporcionados em meio à verdadeira correria dos últimos meses.

Gostaria de manifestar minha gratidão, também, aos amigos adquiridos nos ambientes de trabalho. É com carinho que agradeço a Débora Castells, amiga e chefe, por toda a compreensão demonstrada nos últimos anos; Aloysio Guedes, Marco Antônio da Costa e Flávia, parceiros no Núcleo da Diversidade [SEC-Armação dos Búzios]. A Daniele Soares e Flávia Mozer, meu muito obrigado, por tornarem mais doces os dias de trabalho em Rio das Ostras!

Não posso deixar de expressar minha gratidão a todos os umbandistas que permitiram o acesso ao universo fascinante e sinuoso dos muitos e fascinantes “zés”.

## Resumo

Carneiro, Janderson Bax; Giacomini, Sonia Maria. **“Vou subir o morro para ver quem vem na umbanda”**: Zé Pelintra e as ressignificações do malandro na prática religiosa umbandista. Rio de Janeiro, 2012. 164p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A umbanda é uma religião codificada na primeira metade do século XX. Sua difusão foi notável, especialmente nas capitais brasileiras em processo de urbanização e industrialização, como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Essa modalidade religiosa tem como uma das principais características o culto a entidades espirituais representativas de arquétipos nacionais, quase sempre caracterizados pela subalternidade. Dentre elas, chama atenção a figura de Zé Pelintra, representado em suas imagens visuais como o típico malandro carioca das décadas de 1920 e 1930. Terno branco, Chapéu de Panamá e sapatos bicolores são elementos constitutivos da indumentária da entidade, consideravelmente popularizada nos espaços laicos da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, mais do que um símbolo difuso, tal entidade é percebida por seus fiéis como o espírito de alguém que, após a morte, ganhou o direito de incorporar nos centros de umbanda e intervir de forma concreta nas vidas dos seus devotos. Nesse sentido, a pergunta que move esta dissertação é a seguinte: quais são as expectativas dos fiéis em relação a essa entidade? Melhor dizendo: a quais desafios ela é convocada a responder? Assim, o objetivo deste trabalho é identificar possíveis sentidos atribuídos à versão sacralizada do malandro na prática umbandista atual. Sob essa perspectiva, a presente análise lança mão principalmente da observação participante, bem como do emprego de entrevistas abertas entre os religiosos de um terreiro carioca, onde salta aos olhos a patente proximidade experimentada entre os devotos e as entidades da categoria “malandragem”.

## Palavras-chave

Umbanda; Zé Pelintra; malandro; prática religiosa.

## Abstract

Carneiro, Janderson Bax; Giacomini, Sonia Maria. (Advisor) **"I'll go up the slums to find out who is coming to umbanda"/"Vou subir o morro para ver quem vem na umbanda": Zé Pelintra and the reinterpretation of the rascal in the religious practice of umbanda** Rio de Janeiro, 2012. 164p. MSc. Dissertation – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Umbanda is a religion codified during the first half of the twentieth century. Its diffusion was remarkable, especially in capitals in urbanization and industrialization process, as Rio de Janeiro, São Paulo and Porto Alegre. The fundamental feature of this type of religion is the cult of spiritual entities representing national archetypes, often characterized by subordination. Among them, draws attention the Zé Pelintra figure, represented in his visual images as the typical *carioca* rascal of the 1920s and 1930s. White suit, Panama hat and saddle shoes are the constitutive elements of the entity's costume, greatly popularized in secular areas in the city of Rio de Janeiro. However, more than a diffuse symbol, such entity is seen by its followers as the spirit of one who won, after death, the right to incorporate in Umbanda centers and to interfere concretely in the lives of its devotees. In this regard, the question this dissertation is based is: what are the believers' expectations in relation to that entity? Or rather: what are the challenges the entity is requested to respond? Thus, the purpose of this study is to identify possible meanings assigned to the sacralized version of the *carioca* rascal in umbandist current practice. From this perspective, the present analysis utilizes mainly participant observation as well as the use of open interviews among religious of *terreiro* (umbandist temple) where leaps out the evident closeness experienced between the devotees and the entities of the "rascality" category.

## Keywords

Umbanda; Zé Pelintra; rascal; religious practice.

## Sumário

1. Introdução	11
2. Metamorfoses do malandro: Zé Pelintra entre práticas e representações	21
2.1. Zé Pelintra, o terreiro e a rua	22
2.2. Zé Pelintra e o malandro sambista: interfaces possíveis	28
2.3. “Vou subir o morro para ver quem vem na umbanda”: o encontro dos “Zés”	43
2.4. “Eu fui a Lapa e perdi a viagem”: as metamorfoses do malandro	48
2.4.1. Malandragem: ética difusa ou o “jeitinho brasileiro”	51
2.5. Na rota de fogo: malandragem em tempos de violência e neopentecostalismo	58
3. Do ponto cantado à roda de samba: a malandragem no contexto ritual	66
3.1. O Terreiro do Mendanha: palco sagrado e interativo da umbanda	70
3.1.1. Das senzalas ao terreiro: os pretos velhos e a ressignificação do cativo	76
3.1.2. À espera da “malandragem”: os bastidores da gira de exu	82
3.1.3. Fuxico de terreiro: ambivalência e devoção	85
3.1.4. Ritos preparativos	89
3.1.5. O espetáculo dos “companheiros”	90
3.1.6. “Boa noite pra quem é de boa noite, o Zé Malandro chegou”	97
4. Trajetórias cruzadas: a participação dos “zés” no cotidiano dos fieis	102
4.1. “Quem não tem pede emprestado”: Zé Pelintra na coroa do ogã	110
4.2. Zé dos Malandros na coroa da babá	119
4.3. “Lico sou eu”: o malandro menino e seu protegido	134
5. Conclusão	147
6. Referências Bibliográficas	157

## Lista de figuras

- Figura 1 – Imagem de Zé Pelintra na casa de exu em terreiro de umbanda do estado do Rio de Janeiro 23
- Figura 2 – Adesivo com imagem de Zé Pelintra em automóvel na cidade de Mangaratiba / RJ 25